

**UM ROSTO SEM MOLDURA: reflexões de uma mulher careca sobre padrões de beleza feminino****Beatriz H. de PAULA<sup>1</sup>, Wendell L. A. BRAULIO<sup>2</sup>****RESUMO**

O presente trabalho propõe, através de uma breve revisão bibliográfica e do relato de experiência de uma aluna do curso de Design de Moda do IFSULDEMINAS *campus* Passos, levantar questionamentos acerca dos padrões contemporâneos de beleza – utilizados como ferramentas cujos objetivos são moldar e controlar o comportamento feminino – e refletir de que maneira a resistência de mulheres em seguir certos estereótipos naturalizados pode trazer mudanças significativas para a Moda na atualidade.

**Palavras-chave:** Moda; feminismo; estereótipos.

**INTRODUÇÃO**

A partir do renascimento do feminismo, no início da década de 70, a emancipação material e legal das mulheres ocidentais tornou-se crescente (WOLF, 1992). No entanto, a coerção exercida através de um ideal de beleza, cada vez mais rígido e intangível, tem se sobreposto estrategicamente às conquistas alcançadas através do movimento feminista, como forma de recuperar o controle social anteriormente empreendido pelo patriarcado e que ficou fragilizado desde a Revolução Industrial, quando houve uma dissociação da mulher com o ambiente doméstico. Dessa forma, os ideais já superados de passividade, maternidade e domesticidade foram substituídos pelo ideal de beleza que, no trabalho em questão, é o mote central de questionamentos, bem como as ferramentas disponíveis e os impactos na Moda, decorrentes da insubmissão feminina.

**MATERIAL E MÉTODOS**

O presente artigo foi desenvolvido a partir de um relato de experiência, corroborado por uma breve revisão bibliográfica e construído com base no conceito de *escrivência* formulado pela pesquisadora Conceição Evaristo, no qual o objeto da escrita é a própria vivência. A autora apresenta a ideia de que o ato de escrever, para a mulher, significa insubordinar-se e deslocar-se da posição passiva da leitura para o lugar de auto representação; afirma, ainda, que a escrita é

<sup>1</sup> Estudante de Design de Moda no IFSULDEMINAS – *Campus* Passos. E-mail: beatrizhelenacontrato@gmail.com

<sup>2</sup> Estilista, Designer, Mestre em Relações Étnico-Raciais pelo CEFET-RJ, Docente na área de Design de Moda no IFSULDEMINAS – *Campus* Passos. E-mail: wendell.braulio@ifsuldeminas.edu.br

semelhante a um sangramento: “um sangrar não apenas negativo, mas também positivo pela resistência, ressignificação em existência e posituação de suas próprias imagens, um posicionamento no mundo”, conforme citado por Juliana Borges (2018).

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Desde o momento em que deixei de ser uma mulher, relativamente, bem ajustada aos padrões de beleza vigentes, devido a uma patologia crônica que me impôs a perda de meus cabelos e com isso subverti a ordem estabelecida – assumindo tal condição como parte intrínseca à minha identidade e beleza – fui levada a uma série de percepções e indagações que, por sua vez, culminaram na presente pesquisa. Pude perceber que, de maneira geral, o que se espera como resposta de uma mulher nesta situação é que ela tente, a todo custo, recuperar o lugar que outrora ocupava, ou seja, que ela tenha uma atitude conivente com a ideia de que a base que sustenta sua identidade é a sua “beleza” (e que a beleza parte de certas premissas), deixando-a novamente vulnerável à aprovação externa (WOLF, 1992).

Na minha área de estudo e atuação, Design de Moda, essa resistência diante de uma contraposição à fiscalização do corpo feminino se torna particularmente mais forte, pois a própria indústria da Moda se alimenta da insegurança feminina e, simultaneamente, do desejo masculino. Segundo Wolf, “A qualidade chamada ‘beleza’ existe de forma objetiva e universal. As mulheres devem querer encarná-la, e os homens devem querer possuir mulheres que a encarnem.” E ainda aponta que (a beleza) “(...) consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino.” Ou seja, fica claro que o domínio sobre o corpo feminino nada tem a ver com as mulheres em si, mas com a manutenção do poder exercido pelo patriarcado e que, ao ser contestado por uma mulher, causa consequências que ameaçam este poder vigente e, conseqüentemente, muda nossa relação com a Moda.

A primeira consequência da minha insubordinação foi a profunda mudança na minha relação com outras mulheres e o desenvolvimento da sororidade – relação de união, acolhimento, empatia e solidariedade entre mulheres, tendo como ideia norteadora a percepção de que a fraternidade feminina é um dos pilares principais que sustentam a resistência contra o poder patriarcal que vigora atualmente. A partir do momento em que acolhi minha singularidade, a competição e a rivalidade entre mulheres – tão instigadas pela indústria da beleza institucionalizada – deixou de fazer qualquer sentido para mim e, ao invés disso, busquei apoiá-las e inspirá-las a enxergar seus corpos como fonte de expressão e não mais como uma prisão, fosse pessoalmente ou através de mídias sociais, onde o alcance é indiscutivelmente maior e onde pude buscar, também, imagens alternativas de beleza, encontrando minha própria representatividade.

Foi de importância primordial reconhecer que, “apesar da minha experiência ser única, minha luta é bastante comum” (MISS Representation, 2011) e que a pressão exercida sobre as mulheres a respeito de sua aparência tem seus reflexos desde a pré-adolescência, pois 53% das garotas de 13 anos são infelizes com seus corpos, número que ascende para 78% aos 17 anos. Tamanha insatisfação resulta, ainda, em outra estatística: 91% das pessoas com anorexia ou bulimia são mulheres (EMBRACE, 2016).

Outra consequência de me recusar a buscar um padrão inalcançável de beleza foi o meu empoderamento – aumento do poder pessoal e liberdade em relação a decisões referentes à própria vida em todas as esferas, obtidos através da conscientização de direitos individuais, da autonomia, autoconfiança e auto emancipação – pois desta forma pude desconstruir certos estigmas encontrados no senso comum e que são introjetados em nós mesmas culturalmente (“mulheres têm cabelo comprido”, “o cabelo é indício de feminilidade e de heterossexualidade” etc) e reconhecer minha própria beleza, ainda que ela não esteja representada na maioria dos desfiles, editoriais e propagandas de Moda – pois seria contraproducente com os objetivos do mercado – o que me levou a questionar como se dava o meu consumo, sobretudo com relação a produtos supostamente “milagrosos”. Afinal, quem decide o que é “belo”? Uma mulher precisa seguir um modelo de aparência pra ser considerada mulher, pra ser respeitada como mulher? Por que a Moda precisa ser inimiga das mulheres, ao invés de uma ferramenta comunicativa que as representem e as empoderem?

## **CONCLUSÕES**

A maneira como os veículos midiáticos constroem o imaginário do mundo da Moda e da beleza nos induz a pensar que não deveríamos estar satisfeitas, enquanto mulheres, com os nossos corpos. No entanto, é preciso reconhecer a beleza como conceito subjetivo e que não se limita a uma só forma, cor, tamanho ou característica, para que o feminismo não regrida ou estacione em suas conquistas, para uma emancipação verdadeiramente universal da mulher, para que ela, de fato, tenha reais escolhas e para uma ressignificação do papel da Moda na sociedade. Da mesma maneira que os mitos envolvendo a relação das mulheres com a vida doméstica foram derrubados com a segunda onda do feminismo, o mesmo pode ocorrer com a cultura da beleza se agirmos de forma contrária ao que se espera de nós para que ela seja sustentada.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu namorado, Matheus, e à minha mãe, Sirlene, pelo apoio incondicional; ao meu professor e orientador, Wendell, pela sensibilidade, alteridade, encorajamento e ajuda na ressignificação do meu relato; à minha professora, Maria Bernardete, por ser uma mulher

inspiradora para outras mulheres e por ter enxergado, antes de mim mesma, o teor feminista do meu trabalho; à Thalita, Lilian e Yasmin, por terem compartilhado suas vivências comigo tão abertamente e por terem acolhido a minha com tamanha empatia.

## **REFERÊNCIAS**

BAQUERO, Ruth Vivian Angelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social? – uma discussão conceitual. REVISTA DEBATES, Porto Alegre, v.6, n.1, p.173-187, jan.-abr. 2012.

Borges, J. “Nós não escrevemos para adormecer os da casa-grande”. NÓS, 2018. Disponível em: <<https://nosmovimenta.com.br/index.php/2018/04/30/nos-nao-escrevemos-para-adormecer-os-da-casa-grande/>> Acesso em: 21 set. 2018.

EMBRACE. Direção/Produção: Taryn Brumfitt. Austrália: Southern Light Alliance, 2016.

FEDERICI, Silvia. Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. 13ª ed. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

MISS Representation. Direção: Jennifer Siebel Newsom. Produção: Direção: Jennifer Siebel Newsom & Julie Costanzo. Girls' Club Entertainment, 2011.

WOLF, Naomi. O Mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1992.